

O OLHAR EUROPEU OCIDENTAL SOBRE O OUTRO: um paradigma da ciência

Jéssica Fernandes Maia dos SANTOS¹

Resumo: Partindo das obras *O pensamento selvagem* e *O totemismo hoje* de Levi-Strauss e *Orientalismo* de Edward Said, o presente artigo tem por objetivo propor uma reflexão acerca do pensamento europeu histórico sobre a alteridade, como foi constituído, e ainda permanece sendo um paradigma da ciência. Segundo Levi-Strauss a instituição do totemismo seria uma falsa categoria de análise, em que o europeu, ao classificar e tipificar outros povos enquanto organizações totêmicas, projetou seu próprio universo. Tal pensamento percebe os demais povos como o seu oposto, o fazendo sem um consenso conceitual do que seria uma organização totêmica. Assim, também o evolucionismo influenciou não somente a instituição totêmica como o pensamento ocidental como um todo.

Palavras-chave: Evolucionismo. Totemismo. Paradigma. Ciência.

THE WESTERN EUROPEAN POINT OF VIEW ABOUT THE OTHER ONE: a paradigm of science

Abstract: Looking the Levi-Strauss's works *The Savage Mind* and *Totemism Today*, and Edward Said's *Orientalism*, this paper aims to propose a reflection on the historical European thought regarding the alterity, how it was build and how it still is an science paradigm. According to Levi-Strauss, the institutionalization of the totemism would be a false analysis category in which the European, by classifying and typifying the foreign people while totemic organizations designed their own universe. This concept considers the other people as their opposite side, without having a conceptual consensus of that would be a totemic organization. The same does the evolutionism, which has influenced not only the totemic institution but also the whole western thinking.

Keywords: Evolutionism. Totemism. Paradigm. Science.

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - Unesp (Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - FCL - Campus de Araraquara). E-mail: jessicafmaia@gmail.com .

Introdução

Na modernidade, em meio ao desenvolvimento da ciência nos séculos XIX e XX, o homem branco, europeu já estava por alguns séculos tendo contato (processo de colonização) com outros povos, muito já havia sido escrito sobre o Novo Mundo e estava se escrevendo sobre Oriente. Nesse momento, as teorias evolucionistas estavam tomando forte influência sobre o pensamento científico e direcionando as ações de cientistas e líderes de países europeus. Essas teorias se firmaram no contexto do neocolonialismo em que grandes potências industriais europeias estavam em busca de expansão do mercado consumidor para os produtos excedentes e de mais matéria-prima. Assim, tais países se lançaram nessa investida, colonizando vários povos na África e Ásia.

O pensamento evolucionista veio como uma justificativa e legitimação dos processos de dominação político, econômico e ideológico por parte de países europeus que já haviam acontecido e dos que estavam ocorrendo no século XIX, pois, tais teorias afirmavam que dentre a humanidade havia raças biologicamente distintas que se encaixavam numa hierarquia do mais simples ao mais complexo e que, portanto, a colonização traria desenvolvimento e progresso para os demais povos tidos como inferiores. Daí termos dicotômicos como cultura/natureza, superior/inferior, civilização/barbárie, civilizado/selvagem, avançado/atrasado tornam-se recorrentes para classificar as diferentes culturas existentes no mundo. O homem branco europeu se colocava no topo dessa hierarquia como a raça mais desenvolvida, complexa, avançada e a qual possuía uma cultura superior a todas as outras.

A ilusão totêmica

Nesse momento, o homem europeu estava construindo o seu próprio pensamento sobre si e sobre o “Outro”, estava formando seu pensamento sobre o que era característica sua e também sobre o que não era, e nesse mesmo período produzia-se muitos escritos sobre as organizações totêmicas ou o que se considerava na época como organização totêmica. Então, se convencionou considerar uma gama de características culturais de povos não europeus como constituintes de sociedades totêmicas. Lévi-Strauss afirma:

Nada podia ser mais cômodo para manter na sua integridade e ao mesmo tempo para fundar os modos de

pensamento do homem normal, branco e adulto, do que reunir fora de si costumes e crenças – na verdade muito heterógenas e dificilmente isoláveis – em torno dos quais se viriam a cristalizar numa massa inerte, ideias que pudessem ser menos inofensivas, se viesse a ser necessário reconhecer a sua presença e a sua atividade em todas as civilizações, inclusive a nossa. O totemismo é, antes de tudo, a projeção fora do nosso universo, e como que por exorcismo, das atitudes mentais incompatíveis com a exigência de uma descontinuidade entre o homem e a natureza, que o pensamento cristão considerava essencial. Pensava-se então validá-la, fazendo da exigência inversa um atributo dessa <<natureza segunda>> que o homem civilizado confecciona, com os estados <<primitivos>> ou <<arcaicos>> do seu próprio desenvolvimento; e na vã esperança de se libertar dela ao mesmo tempo que da primeira (2003, p.13).

Assim, se formou o pensamento desse homem normal, branco a partir também do que se convencionou instituir de totemismo, aproximando, tal pensamento à civilização e as culturas não europeias à natureza, ao que se considerava mais simples e elementar, ou seja, à organização totêmica.

O totemismo é um tema clássico da antropologia, recorrente e amplamente discutido durante décadas. Segundo Lévi-Strauss (2003), em aspectos gerais, os fenômenos que são considerados constituintes do totemismo são relações entre o natural e o cultural em que coletivos se relacionam de forma filial com emblemas, seja animal ou vegetal. Porém, houve muitas definições acerca do termo, várias características culturais complexas e heterogêneas de povos distintos foram consideradas constituintes do totemismo. Para Boas, todos esses fenômenos culturais que se referem ao totemismo, não entram numa única categoria de análise. Lévi-Strauss (2003) apresenta que muitos dos registros e escritos que consideravam certas culturas enquanto organizações totêmicas não o eram. Para exemplificar tal redução analítica Lévi-Strauss escreve:

A noção de <<mito>> é uma categoria do nosso pensamento que usamos arbitrariamente para reunir no mesmo vocábulo tentativas de explicação de fenômenos naturais, obras de literatura oral, especulações filosóficas, e casos de emergência de processos linguísticos à consciência do sujeito (2003, p.22).

Na primeira definição sobre o totemismo, como mostra Lévi-Strauss, houve uma confusão entre os totens coletivos e os espíritos guardiães e, elementos culturais foram selecionados para fazerem parte do que se instituiu por totemismo enquanto que outros de mesmo tipo não o foram, ou seja, houve um recorte errôneo da realidade para que se criasse uma estranha especificidade sobre o fato. São nesses acontecimentos, a princípio, que se baseia o que o autor chama de ilusão totêmica:

Portanto, a ilusão totêmica assenta à partida numa distorção do semântico de que são parte fenômenos do mesmo tipo. Certos aspectos do campo foram privilegiados em detrimento de outros, para lhes conferir uma originalidade e uma estranheza que não lhes pertence: tornavam-se misterioso pelo simples fato de serem subtraídos do sistema de que faziam parte integralmente, como transformações suas (2003, p.30).

Dessa forma, foram reunidos fenômenos culturais de alguns povos não-europeus projetando-os fora da forma de pensar característica do homem branco, ou seja, com o desenvolver da instituição “totemismo”, ela se tornou uma ilusão, uma forma de pensar sobre vários povos distintos a partir de uma categoria reducionista de análise que só existia na cabeça do etnólogo e que não correspondia sinceramente à realidade.

A ilusão Evolucionista

Essa forma hierarquizante de pensar do homem europeu que relaciona o pensamento de outros povos a algo simples, próximos da natureza e, por conseguinte, os distingue como selvagens, como aqueles que não portam o conhecimento científico, é um equívoco. As classificações de muitas sociedades, chamadas primitivas, sobre os seres vivos, os elementos naturais, e as coisas são complexas e sofisticadas. Os botânicos e zoólogos teriam evitado vários erros se tivessem considerado ou baseado seus estudos na taxinomia indígena (LÉVI-STRAUSS, ano). *O pensamento Selvagem* de Lévi-Strauss apresenta isso com propriedade:

As classificações indígenas não são apenas metódicas e baseadas num saber teórico solidamente constituído. Acontece também serem comparáveis, sob um ponto de vista formal, àquelas que a zoologia e a botânica continuam a usar (1970, p.65).

E continua:

É um biólogo profissional quem chama a atenção para o número de erros e de confusões que poderiam ter sido evitados, alguns dos quais apenas recentemente corrigidos, se os antigos viajantes tivessem confiado nas taxinomias dos indígenas, em vez de improvisar outras, do começo ao fim, o que resultou na atribuição, por 11 autores, do mesmo nome científico *Canis azarae* para três gêneros distintos, 8 espécies e 9 subespécies diferentes, ou ainda a imposição de diversos nomes à mesma variedade da mesma espécie. (1970, p.66)

[...] tais lógicas trabalham, simultaneamente, em vários eixos. As reações que estabelecem entre os termos são, na maioria das vezes, baseadas na contiguidade (...) ou na semelhança (...). Sob este ponto de vista, elas não se distinguem formalmente das outras taxinomias, mesmo modernas, onde a contiguidade e a semelhança representam sempre um papel fundamental [...] (1970, p.85).

Em *O pensamento selvagem*, Lévi-Strauss explana sobre o quanto os povos indígenas em suas classificações acerca do meio natural são minuciosos, sofisticados, lógicos e dominam o seu conhecimento sobre as coisas. A tipificação evolucionista do pensamento europeu da época (influenciando ainda hoje) ignorava e suprimia tamanha riqueza e inteligência do pensamento indígena, os etnólogos classificavam apressadamente, por um olhar preconceituoso, os povos não europeus num baixo nível intelectual.

Nesse contexto do século XX, surgiram as teorias pós-coloniais que traziam uma reflexão crítica acerca do processo político, econômico, e simbólico da colonização e suas consequências, na qual muitos dos autores eram pessoas nativas dos próprios países que haviam sido ou ainda eram colônias. Essa escola de pensamento proporcionou que ocorresse uma grande quebra de paradigma, pois, o que se tinha de registro e o que conseqüentemente era consenso sobre as civilizações não europeias, eram escritos pelos próprios europeus influenciados pelas teorias evolucionistas e por seus interesses político-econômicos. Em contrapartida à visão ocidental, os teóricos pós-coloniais apresentaram e desenvolveram outra perspectiva sobre si e sobre o homem branco europeu.

Um grande nome das chamadas teorias pós-coloniais é o palestino Edward Said, autor do famoso livro intitulado *Orientalismo*. O orientalismo foi, entre outras coisas, uma escola de pensamento ocidental que, a partir de interesses europeus e da visão evolucionista, estudava e interpretava os povos ditos orientais. Said analisou essa escola de pensamento e

mostrou a estigmatização dos povos orientais por essa visão. De acordo com o autor, a própria divisão Ocidente/Oriente criada pelos chamados ocidentais expressam uma dicotomia correspondente, respectivamente, a superior/inferior em que o Ocidente, “centro do mundo” se separa do outro “lado”, ou seja, desse “Outro” que não é o eu europeu. O autor afirma:

Sob o título geral de conhecimento do Oriente, e no âmbito da hegemonia ocidental sobre o Oriente a partir do fim do século XVIII, surgiu um Oriente complexo, adequado para estudos na academia, para exibição no museu, para reconstrução na repartição colonial, para ilustração teórica em teses antropológicas, biológicas, linguísticas, raciais e históricas sobre a humanidade e o universo, para exemplo de teorias econômicas e sociológicas de desenvolvimento, revolução, personalidade cultura, caráter nacional e religioso. Além disso, a indagação imaginativa das coisas orientais era baseada mais ou menos exclusivamente numa consciência ocidental soberana, de cuja centralidade não questionada surgia um mundo oriental, primeiro de acordo com ideias gerais sobre quem ou o que era um oriental, depois de acordo com uma lógica detalhada regida não apenas pela realidade empírica, mas por uma bateria de desejos, repressões, investimentos e projeções (2007, p.35).

Portanto, o discurso da razão iluminista e da objetividade científica que se rotula pretensamente como neutra ao lançar seu olhar sobre o “Outro”, trouxe consigo antes de tudo seus interesses.

A ciência, formadora do pensamento ocidental, considerada enquanto única forma verdadeira de conhecimento é um paradigma que ainda não foi superado por completo, resquícios de um pensamento evolucionista e hierarquizante que subjuga as culturas e subestima a complexidade de povos não ocidentais.

Referências bibliográficas

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

_____. *O totemismo hoje*. Lisboa: Edições 70, 2003.

SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.